

## PREFÁCIO

Certa vez ouvi de uma enfermeira que seu campo de atuação não era no hospital e sim por meio de visitas residenciais. Fora uma escolha proposital, pela inversão da relação de poder entre a pessoa adoecida e o saber da medicina. Nas moradias, o profissional de saúde está a serviço de forma diferenciada, é capaz de acessar leitura mais ampliada do que pode ter contribuído para a enfermidade. Ser presente na dimensão do outro é humanizante, ato raro, exercício de escuta sistêmica. Nos espaços tradicionais de saúde, o paciente vira refém de um sistema estranho a ele, sua autonomia fica acuada.

Percebo que esse deslocamento da relação de poder tem ressonância com as múltiplas formas de aplicação da biblioterapia. Quem se dispõe a atuar na área, carece exercer a humildade. O propósito maior é o outro, por isso é preciso dar espaço para que as pessoas sejam, genuinamente, participantes. O processo é rico em todas as suas etapas e, para iniciá-lo, é necessário apurar a escuta interior e espreitar escolhas: com quem, como, com que acervo, quando, onde, para quê?

Fico comovida com livros como este. São cartografias de travessias no campo, que refletem a diversidade de territórios, formações, formatos, público. São histórias de quem teve a coragem de sonhar, estruturar, propor, realizar, assumir autoria e correr riscos. Os relatos vão de braços dados com referenciais teóricos, evidência de muito estudo e aprofundamento conceitual que confere credibilidade às práticas.

Aqui são compartilhadas vivências realizadas em diferentes localidades: Secretaria de Estado do Amazonas, Instituto Federal do Sertão Pernambucano, Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia, escolas, bibliotecas, residências, instituições de longa permanência para idosos, zonas rurais, de forma presencial e online (em consequência dos desafios impostos pela Pandemia da Covid-19). Ajustar os rumos e detalhes a cada encontro é parte do processo.

A biodiversidade está refletida na representatividade do público envolvido: mulheres, crianças, idosos, pessoas acamadas, ansiosas e depressivas, profissionais de saúde etc. Os benefícios da

biblioterapia são destacados nos relatos: cuidado de si e do outro, bem-estar, pertencimento, aumento da resiliência, recursos para lidar com o estresse, experiência estética, reflexiva e formativa, acesso a valores universais, contributo para a saúde mental.

É grandioso executar e registrar. É atestado de generosidade na partilha e de aprofundamento pelo exercício reflexivo e seletivo conferido pela escrita.

Recebemos caminho ladrilhado por afetos dessa gente que insiste em caçar leituras e jeitos que acolham, nomeiem, encantem, provoquem e cuidem. As vias se bifurcam na artesanaria de cada vivência. É ciência e arte de mãos dadas (e fazedoras). É confluência, como ensina Nêgo Bispo dos Santos (2023), mestre de sabedorias ancestrais.

Narrar experiências é ser livro: guardião de histórias, a serviço da comunidade, semente de esperança e banquete nutritivo para o tecido social que se importa e age no coletivo. É honrar quem veio antes e quem virá depois.

Que a candeia de cada narrativa compartilhada ilumine novas ideias e projetos, que seja contributo para reconhecimento e ampliação do campo. É ínfimo e grandioso gesto de autoria na saúde, pessoal e coletiva, via biblioterapia. O propósito é que sua leitura acenda essa luz.

Cristiana Seixas  
Psicóloga e biblioterapeuta

## Referência

BISPO DOS SANTOS, Antônio. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.